

Animais

Eram três horas da manhã e uma brisa suave e refrescante soprava fazendo sibilar as folhas pontiagudas dos pinheiros que rodeavam a fazenda, como se fossem milhares de flautas executando uma melodia monótona. A Lua cheia deixava cair sua luz prata sobre as águas do lago, criando um efeito que lembravam pinceladas em um quadro pintado em fundo escuro. Próximo ao lago, semelhante a um grande espelho que refletia a grande bola branca brilhante, alguns cavalos pastavam sobre a grama úmida pelo sereno. O luar intenso daquela noite deixava ver os seres noturnos alados em vôos rasantes como sombras voadoras sobre as folhagens do pasto. Eram morcegos frugívoros fazendo vôos quase acrobáticos, ligeiros, e corujas, observadoras atentas com seus grandes olhos à luz vinda das lâmpadas que iluminavam o estábulo onde estavam duas pessoas em um trabalho silencioso e delicado.

O trabalho exigia silêncio e concentração, por isso sussurravam também para não assustar a velha Paloma, uma égua, já aposentada dos trabalhos na fazenda desde que contraiu uma enfermidade no casco que a impedia de trabalhar. Apesar da idade relativamente avançada, Paloma mantinha uma aparência jovem, com seus pêlos macios e brilhantes tal como quando deu sua primeira cria. Somente os pêlos encanecidos denunciavam que ela já não era mais a jovem da época, em que trabalhar era diversão. Paloma já tinha trinta e quatro anos de idade e sempre viveu na fazenda onde nasceu. Por isso, era como se fosse um membro da família do sr. Mataveira, dono daquelas terras.

Guilherme, o veterinário, estava dando assistência ao parto daquela que já não deveria mais engravidar, devido a sua idade avançada. Quanto a isso, quando indagado pelo veterinário, sr. Mataveira justificou-se:

– Foi um descuido nosso, pois, há muito tempo Paloma já não era, ao menos aparentemente, fértil. Acreditávamos que já estava estéril. Infelizmente, Ventania, o nosso garanhão mais jovem, em sua fase mais viril, na qual os hormônios estão à flor da pele, não se interessou em distinguir uma fêmea jovem de Paloma. Nossa Paloma é uma senhora de respeito, que nos ajudou muito em trabalhos que somente ela era capaz de fazer, devido a sua agilidade

e força. Hoje está fraca e velha, mas já foi jovem e forte. Ventania devia tê-la poupado! – falou Mataveira, sussurrando para não incomodá-la.

Guilherme, o veterinário de vinte e seis anos de idade, com quatro de experiência, estava ali não somente como veterinário, mas como amigo, pois era conhecido do fazendeiro desde criança, quando vinha com seu pai para comprar queijo e mel e cavalgar em Paloma. Guilherme olhava sério para o sr. Mataveira, enquanto ouvia as explicações do amigo, quando resolveu responder, também em voz baixa, depois de soltar o queixo que apoiava com sua mão direita.

– Sr. Mataveira, os animais não são como nós. Eles não pensam e não sabem distinguir situações que exijam raciocínio. Os hormônios mandam em seus instintos, pois é somente isso que são. São os instintos que os levam a procurar as fêmeas em época de reprodução, a fim de preservar a sua espécie. Não podemos esperar deles uma atitude inteligente como teríamos nós. Seus cérebros não foram feitos para pensar, por isso não podemos condenar Ventania por dar vazão aos seus instintos reprodutores. O descuido foi nosso em deixá-lo próximo dela e não perceber que Paloma ainda estava com seus hormônios ativos. Agora não podemos lamentar. Cabe a nós tentar o que for possível para mantê-la viva, pois, Paloma foi fecundada por Ventania e já está em trabalho de parto, que será bem difícil. O filhote passa bem, mas há outro grande problema: além do fato de ela possuir um útero flácido, com possibilidade de se inverter e se exteriorizar, o filhote está numa posição inadequada. Ele se encontra de costas, quando deveria estar de frente para o canal do parto. Teremos de manipulá-lo e tentar modificar sua posição no interior de Paloma para que consiga nascer. Isto significa uma situação de risco para ela, pois Paloma, como sabemos, já é idosa e seu coração é fraco; talvez não suporte grandes esforços durante as contrações – explicou o médico, pausadamente.

– Então, o risco dela não suportar e sucumbir também será grande – perguntou o dono da fazenda, muito apreensivo, temeroso pela saúde de seu animal preferido.

– O risco, como já disse, é muito grande, devido ao seu estado de debilidade física. Seria como se uma senhora com idade para ser bisavó

engravidasse. Há uma possibilidade de que não suporte a dor e o trabalho de parto até o final. Os eqüinos são muito sensíveis à dor. Daremos analgésicos, mas não há garantias – respondeu Guilherme, com seu olhar sério e penetrante, como se, com esse olhar firme conseguisse colocar a idéia da gravidade do problema de forma mais completa.

Mataveira entendeu e somente observou o trabalho do médico, que começou sua intervenção. Guilherme era um veterinário experiente, apesar da pouca idade. Por isso, utilizando-se de suas habilidades médicas, estava monitorando a respiração e os batimentos cardíacos de Paloma. Eram notáveis os sinais de cansaço, e uma certa arritmia cardíaca comprometedora o preocupava. Ao contrário do que se esperava para o início do parto, as contrações eram muito fracas e insuficientes para expulsar o filhote, que já dava sinais de estar passando do tempo de nascer. Uma intervenção cirúrgica parecia urgente. Mataveira, fazendeiro que também tinha experiência, percebeu que algo não estava bem com sua égua preferida e pediu ao médico que fizesse o que fosse necessário e possível para salvá-la, mas se ela não sobrevivesse, ele entenderia.

João Rubens, o auxiliar de Guilherme, estava sempre atento aos parâmetros de saúde de Paloma, enquanto seu patrão cuidava do filhote. A pedido de Guilherme, João aplicou uma dose de sedativos previamente preparada pelo doutor, fazendo com que Paloma relaxasse um pouco, o que permitiu a intervenção. O filhote, muito grande e pesado, exigiu que o doutor utilizasse alguns instrumentos médicos para melhor posicionamento do potro, exigindo de ambos esforços físicos extenuantes. Paloma estava mais debilitada e fraca, e o médico percebeu que precisaria decidir quem deveria salvar. Optou por salvar o filhote, pois Paloma já demonstrava sinais de falência e não suportaria uma cirurgia. A manipulação do filhote também estava se prolongando por mais tempo do que o esperado.

Duas horas se passaram, e Guilherme estava totalmente esgotado pelo esforço. Posicionando o filhote em direção ao canal do parto, conseguiu expor uma das patas do filhote, e a ponta do focinho podia ser vista também, buscando o ar. O médico fazia trações lentas para não ferir o potro, mas percebeu que Paloma começou a respirar com dificuldade e que sentia dor. O

doutor pediu ao auxiliar que aplicasse novamente os sedativos, a fim de amenizar a dor e para que conseguisse suportar a intervenção. Então, João aplicou uma nova dose na mãe. Ela parecia estar suportando mais do que podia, tão-somente para dar tempo de tentar salvar o seu filhote. Paloma relaxou um pouco e Guilherme retornou ao pequeno potro, que se mostrava ansioso por se livrar da angústia de estar preso.

Guilherme podia sentir com sua mão o filhote, bem como observar os movimentos das narinas do potro, que procuravam o oxigênio através da pequena abertura para o exterior. Mas, Guilherme não percebeu que os movimentos das pernas do filhote perfuraram a parede uterina, provocando uma hemorragia. Paloma contraiu-se de dor, mas permaneceu firme, à espera do nascimento de seu bebê. Através dos instrumentos auxiliares de tração, foi possível expor gradativamente o corpinho do filhote. Com a ajuda de João, conseguiram retirar o escorregadio corpo saudável da pequena Palominha, pois era uma fêmea, cópia idêntica da mãe. Até mesmo a mancha branca entre os olhos que lembrava o contorno de uma pomba em vôo, ela possuía.

Com toalhas secas, Guilherme retirou os envoltórios e enxugou o filhote, além de romper o cordão umbilical que o ligava à mãe. Imediatamente, após ver-se livre de todo aquele material materno, pôs-se sobre as quatro trêmulas patas e tentou dar alguns passos, mas caiu. Nova tentativa de se levantar e, por fim, conseguiu firmar-se o suficiente para se manter e caminhar de maneira insegura até próximo ao rosto da mãe, já fraca. Normalmente, o filhote ao nascer procura mamar, mas Palominha procurou o rosto de sua mãe como se soubesse o que estava para acontecer. Permaneceu ali, trêmula, ao seu lado e se deitou, apoiando a cabeça sobre a dela, como se tivesse alcançado o seu objetivo, e, então, relaxou. Ela encontrou o que buscava com aquela que lhe deu à luz. Ao sentir o toque da filha, Paloma abriu, levemente, os olhos e seu olhar encontrou o do filhote recém-nascido. A expressão de Paloma mudou ao ver sua cria ao seu lado. Era notável a felicidade estampada em seu rosto. Paloma a olhava com grande ternura. Era uma linda potrinha, suas pernas eram esguias. Os olhos expressivos depois de ver a mãe passaram a contemplar ao redor como se já conhecesse a todos. Parecia que ela sorria

com os olhos em agradecimento pelo que fizeram Guilherme e João em seu favor e de sua mãe.

Guilherme estava aplicando medicamentos em Paloma, quando João notou sua respiração ofegante. O auxiliar chamou o doutor que, deixando o que estava fazendo, a examinou novamente. Guilherme pegou seu estetoscópio e auscultou o coração da mãe, que estava ainda mais arritmico e fraco. Olhou para Mataveira e fez um sinal com a cabeça de que a morte era inevitável. Mesmo assim, ainda tentou aplicar-lhe alguns medicamentos cardíacos estimulantes, mas, Paloma estava se despedindo de todos. Com grande esforço, levantou um pouco a cabeça, passou um longo olhar em todos e parou em Mataveira, a quem era mais apegada. Fixou seu último olhar em seu maior amigo. Deu um longo e sonoro suspiro e deixou de respirar, definitivamente. Suas pupilas se dilataram, mas, como se uma força invisível a guiasse, aproximou-se do filhote e tocou-a com seu focinho já gelado, para, a seguir, ficar imóvel. Guilherme tentou reanimá-la, em vão. Mataveira deu um impulso, saltou sobre Paloma e a abraçou, sem conseguir pronunciar uma só palavra, enquanto as lágrimas inundavam seus olhos. Permaneceu em silêncio por alguns segundos e, enxugando as lágrimas, disse:

– Vamos enterrá-la próxima à sede; ela merece um lugar especial para descansar. Adeus, amiga. Que Deus a receba como você merece – disse Mataveira, com o olhar distante no horizonte, como se estivesse fazendo um pedido direto a Deus.

Em um canto escuro, estava João Rubens, chorando, discretamente, escondido, de seu patrão. João era uma pessoa extremamente sensível e espiritualizada, que conseguia ver além do que via seu patrão materialista. Ele estava sentido com a perda de Paloma e com a cena de Mataveira, despedindo-se dela pela última vez.

Guilherme, ao contrário, encarava seu trabalho e seus pacientes de uma forma extremamente racional, evitando deixar misturar sentimentos com a rotina de trabalho. João Rubens sabia que, se fosse flagrado naquele estado de sentimento, seria repreendido, pois, seu patrão, apesar de ser uma ótima pessoa, algumas vezes era duro demais. Acompanhando tudo em silêncio, estava ali perto dona Natália, a esposa de Mataveira, que, assim como João,

era muito sensível. Notando a tristeza do auxiliar do veterinário, aproximou-se dele e o abraçou, dizendo:

– Você é uma boa pessoa, João. Nós percebemos que tem algo difícil de se encontrar nas pessoas: compaixão pelos animais. Fico feliz por você ser assim. Nunca deixe de ser como é, e continue a ser um exemplo, pois, talvez um dia, outras pessoas possam ser como você. Boa noite, João. Vá para casa e nos perdoe por incomodá-los a esta hora, tirando do sossego de seus lares para acudir um animal que, praticamente, já estava morto. Agradeço-lhes por virem nos atender, tendo que pegar estradas esburacadas neste escuro. Sei que fizeram o possível.

Guilherme fingiu nem notar que dona Natália estava tentando mostrar a ele, com sua discreta crítica, o quanto João poderia ensinar-lhe. Desapontada por não atingir o coração do médico, dona Natália abraçou-o e se afastou, em silêncio.

Assim que dona Natália deu-lhe as costas, o médico de animais dirigiu um olhar de reprovação a João Rubens, por misturar sentimento com profissionalismo, e ainda deixou que percebesse o seu estado emocional, que ele considerava como uma falta grave no trabalho e, pior ainda, deixou margem a comentários.

Voltando sua atenção para o trabalho e, após certificar-se que Palominha estava bem, recomendou ao encarregado da fazenda que a deixasse para ser amamentada com Flecha, que também acabava de se tornar mãe havia poucos dias. Ela era jovem e poderia amamentá-la e ao seu próprio filhote, sem dificuldades. O médico guardou seus pertences, sem dizer uma palavra ao auxiliar que aguardava uma reprimenda. Despediram-se de Mataveira e dos empregados da fazenda, que ainda estavam acordados à espera de boas notícias sobre Paloma, que não vieram, mas a presença de Palominha amenizou a gravidade da situação.

Partiram dali em um pequeno, mas confortável, veículo adaptado para percorrer os terrenos acidentados das fazendas a que assistiam. Guilherme, ainda com feições de poucos amigos, nada disse a João, mas este já sabia o que o esperava. Mal entraram no automóvel, Guilherme o repreendeu,

tentando, sem conseguir, não ser grosseiro, pois sua maneira de falar já era normalmente áspera.

– João, você precisa aprender a controlar seus acessos de choro em público. Não podemos demonstrar fraqueza aos nossos clientes. Caso contrário, não nos chamam mais para atendê-los. Você precisa entender a minha posição. Já imaginou se todos ficam sabendo que você chora assim, cada vez que morre um bicho? – dizia isso franzindo a testa, usando um tom de voz autoritário.

– Perdoe-me, patrão, mas não pude me conter dessa vez, pois vi nos olhos do sr. Mataveira o quanto ele e sua senhora sentiram pela perda de Paloma. Não pude conter-me ante a cena comovedora de uma mãe tentando, com suas últimas forças, tocar a filha pela última vez – disse João, já aos soluços, como uma criança, e com lágrimas caindo a cântaros.

– Calma, João. Eu não quis ser grosseiro com você! Não precisa se ofender, pois, eu apenas acho que você não deve se envolver emocionalmente com os pacientes. Animais, como eu disse ao sr. Mataveira, não sabem de nada. Morrem e nem sabem o que aconteceu. Eles não sentem e não são como nós. Veja se entende isso: animal é animal, gente é gente. Não confunda as coisas, João. Procure não agir como se os animais fossem capazes de ter alguma espécie de sentimento. Animal só sabe comer, dormir e dar cria. São somente instintos. Quando morrem é como se uma máquina estivesse parando de funcionar. Sou como um mecânico de animais. Se a máquina não quer funcionar direito, lá vou eu tentar consertá-la; mas, se não tiver jeito, o melhor é substituí-la por outra máquina. Simplesmente joga-se fora a máquina estragada e substitui-se por outra. Morreu, morreu! O que se pode fazer se ninguém é eterno? Esqueça o que aconteceu com a Paloma e vá descansar, porque amanhã é outro dia.

João Rubens nunca respondeu às críticas do patrão, mas, desta vez resolveu falar da maneira mais polida possível:

– Sinto muito, doutor, mas não consigo ser tão racional quanto o senhor. Quando vejo um animal sofrendo, eu sofro junto. Por isso, não quero ser veterinário. Prefiro continuar meus estudos supletivos e quando for possível irei para a faculdade de Química. Só assim não precisarei mais me deparar com

tantos animais sofrendo – falou João, que no seu íntimo queria mesmo era ser veterinário.

– Mas, eu pensei que gostasse de fazer o que você faz! – exclamou Guilherme. Pensei que quisesse ser veterinário também, para trabalharmos juntos.

– Sinto muito, doutor. É muito sofrimento para mim. Eu gosto do que faço, pois ajudo o senhor a salvar animais que não sobreviveriam sozinhos. É a maneira que tenho de contribuir com os nossos irmãos animais.

Guilherme olhou para João com expressão de deboche e por pouco não soltou uma gargalhada de desdém.

– Irmãos? perguntou o médico, surpreso com o termo usado por seu funcionário, pois nunca supôs que um animal pudesse ser seu irmão por considerá-los apenas objeto. Para ele era uma idéia simplesmente fora da realidade.

– Você acredita em um absurdo destes? Quem, em sã consciência, poderia supor que animais sejam nossos irmãos? Como você consegue ter estas idéias tão doidas?

– Para mim, é algo natural, patrão! Sempre os considerei assim desde criança. Não tenho muito estudo, mas sei que eles são inteligentes e estão aqui na Terra para nos auxiliar. Eles aprendem conosco e nós aprendemos com eles – tentou explicar João Rubens.

– Inteligentes? – Guilherme riu, debochando, sem disfarçar desta vez. – Você vem com cada uma que, algumas vezes, acho que lhe faltam parafusos na cabeça. Que idéias mais esquisitas. Irmãos e ainda inteligentes! Imagine eu sendo irmão de um burro, ou de um rato transmissor de leptospirose. Eu, hein! – falou Guilherme, em tom de sarcasmo.

– Mas é isso mesmo, doutor. Por que o senhor acha que os animais estão a nossa volta? Qual o propósito de estarem aqui convivendo conosco? O senhor acredita que eles estejam aqui apenas para nos servir?

– É claro que sim – respondeu.

– É claro que não! – replicou João. – O senhor nunca se perguntou por que alguns animais nascem em locais onde são bem tratados, enquanto outros

somente vivem sofrendo e morrem sofrendo também? Nunca se perguntou por que um bovino é levado ao abate em um processo doloroso de morte em massa, enquanto um cão de raça, por exemplo, é criado como um rei, comendo as melhores comidas, sendo cuidado como uma criança, recebendo o melhor tratamento possível?

– Uns têm mais sorte que outros – disse Guilherme.

– Se fosse só isso, não seria justo. Deus não agiria injustamente com ninguém, nem mesmo com um animal. Eu acredito que estejam aqui para aprender algo conosco através destes sofrimentos e alegrias que compartilham conosco – argumentou João Rubens.

– João do céu! Você está precisando de um psicólogo. Você está ficando doido, mesmo. Onde já se viu? Animal não pensa, não entende nada do que acontece ao seu redor – Guilherme ironizava, não querendo aceitar os argumentos do amigo. Já pensou um cachorro descobrindo teorias científicas? – finalizou, com uma barulhenta gargalhada.

João Rubens ficou ruborizado com as observações irônicas do médico, que queria fazê-lo sentir-se um estúpido, e disse:

– Doutor, os animais são tão inteligentes quanto nós em alguns aspectos, e talvez em outros sejam melhores que nós. Acredito que o problema seja apenas de comunicação. Eles não conseguem pronunciar palavras como nós e por isso não os entendemos. No entanto, quando você dá uma ordem ao seu cão, por exemplo, ele obedece. Você, muitas vezes, não o entende, mas ele consegue entendê-lo.

– Ah, isso é verdade. O meu cão Boris é demais. Parece gente, entende tudo e só falta falar – concordou Guilherme, ao menos neste momento.

– Então, doutor, o Boris já não é uma prova de que os animais são inteligentes? – perguntou o amigo a Guilherme, feliz por encontrar um exemplo que o tocou intimamente, pois o médico adorava seu cão de tal maneira que chegava a causar ciúmes em sua noiva, Cláudia.

– Vamos com calma – falou Guilherme. Eu não disse que o Boris é inteligente. Eu acho que ele consegue copiar de nós algumas maneiras de agir, mas é só uma repetição. Não é espontâneo. Ele não poderia fazer algo se não

tivesse me visto fazer algumas coisas que ele repete – retrucou Guilherme, insatisfeito com o argumento de João Rubens.

– Mas, doutor, o Boris é cego. Como poderia ver e copiar? – argumentou o amigo, convencido do que dizia.

O automóvel estava se aproximando da casa de João e não teriam tempo para continuar o assunto até o final, por isso João pediu:

– Por favor, doutor, pense no que estamos falando. Amanhã cedo, ou daqui a pouco, pois já são quase seis da manhã, conversaremos a respeito. Aí o senhor me diz se estou certo ou não em acreditar no que falamos sobre a inteligência dos animais.

– Tudo bem! Amanhã... daqui a pouco, conversaremos a respeito. Depois de alguns minutos, parou seu automóvel em frente à casa de João Rubens. Despediram-se e Guilherme retornou, exausto, para sua casa, onde foi recebido por Boris, que veio correndo e latindo, alegremente, pelo retorno de seu melhor amigo.

Boris é um cão sem raça, que o médico recolheu em uma de suas consultas à granja do sr. Ichimura. Ele estava passando de automóvel por uma estrada que corta um intenso canavial, quando ouviu um som estridente. Parecia um miado de gato, de tão agudo que era o som do latido do recém-nascido filhote, mestiço com Cocker, que foi abandonado na beira da estrada para morrer.

– Caramba! – exclamou Guilherme – Quem poderia ser tão ruim assim para abandonar um filhote neste sol, sem água e sem comida? Dificilmente, alguém passa por aqui. Que gente mais doida! – pensou o médico.

O jovem doutor recém-formado parou seu veículo, desceu e saiu à procura de onde vinha aquele choro sentido e agudo. Vasculhou entre os pés de cana e encontrou um monte de pêlos pretos ressecados da poeira da estrada, com os olhos tomados por uma secreção pegajosa causada pela conjuntivite que estava a ponto de cegá-lo. Estava em adiantado estado de subnutrição. Deveria estar ali há dias sem se alimentar. Guilherme admirou-se com a força com que gania, mesmo depauperado como estava. Ao examiná-lo, notou que um líquido viscoso e mal-cheiroso escorria e empapava os pêlos do abdome. Era uma miíase. Enormes larvas de moscas de até dois centímetros

devoravam-lhe a carne, deixando um grande ferimento no qual se podiam ver os vermes movendo-se no interior.

– O sr. Ichimura que me perdoe, mas não poderei atendê-lo agora – falou consigo mesmo.

Colocou o cãozinho enfraquecido, quase morto, em seu automóvel e o levou à sua clínica para tentar reanimá-lo. Chegando à clínica, que ficava no centro da cidade, Guilherme entrou como um tiro e foi direto à sala de emergências. Sedou levemente o pequeno cão e, cuidadosamente, retirou larva por larva, deixando à mostra os tecidos internos e músculos lesados pelas vorazes parasitas. Feito o curativo e cauterizada a ferida, o médico, trêmulo de preocupação em salvar a vida do animalzinho, banhou-o com anti-sépticos e ministrou medicamento que o livrou de uma possível septicemia.

Terminada a aplicação de líquidos hidratantes, notou após uma higienização dos olhos, que suas córneas estavam perfuradas em consequência da infecção, da presença de pus e do contato prolongado com o sol, que as queimou.

– Pobre animalzinho! Está cego. Mas não se preocupe, eu farei o que estiver ao meu alcance para salvá-lo, cãozinho – falou Guilherme ao pequeno animal, enquanto ele movia a cabeça tentando localizar com os ouvidos quem pronunciava tais palavras.

Sem que pudesse notar, João o observava, de longe, conversando com o pequeno cão. Guilherme não se deu conta, mas estava conversando com o que ele considerava um objeto sem discernimento. Foram vários dias de tratamento, mas, incrivelmente no dia seguinte ao resgate, o pequeno já se mostrava muito esperto e com uma fome desproporcional ao seu pequeno tamanho. Comia vorazmente e, após comer, ficava com o abdome volumoso que até dificultava seus movimentos. Guilherme não queria que se alimentasse em excesso, mas deixou-o, pois estava ávido por comida, após, sabe-se lá, quantos dias sem se alimentar.

Tendo alimentação regular e tratamento adequado, em alguns dias ele estava irreconhecível. Seus pêlos brilhantes e macios, sua pele fofa, que já formavam dobrinhas nas patas e no pescoço, davam a ele um ótimo aspecto, mas sua visão não se restabeleceu. Foi levado para a casa de Guilherme, onde

cresceu saudável, mesmo cego e sem nunca conseguir ver, desenvolveu outras sensibilidades que compensavam a falta de visão. O médico procurou não modificar a disposição dos móveis e, com isso, acostumou-se a se movimentar normalmente em casa sem se acidentar.

Assim, ele corria, brincava, como se pudesse ver, guiava-se por sons, tato e olfato. Mal se podia notar sua deficiência. Era, sem dúvida, um cão especial e Guilherme sabia disso. Por isso, adotou-o e cuida dele até hoje, quando já completou seu quinto ano de vida. Boris era um belo cão de pêlos longos e brilhantes, com orelhas longas e cobertas por densos pêlos ondulados e negros.

Depois que foi resgatado da morte certa por Guilherme, nunca mais ficou doente, nem sequer pegou um resfriado. Desde que foi adotado, são inseparáveis. Por isso, quando Guilherme chega em casa, sempre é recebido por seu amigo Boris, o resgatado que agradece a seu modo, em cada latido, por ter sido salvo por este grande amigo.

Ao chegar em casa, então, após aquela noite de trabalho extenuante. Boris o abraça e o lambe com tamanha alegria que parece que não o encontra há anos. Boris correu, pulou, rolou pelo chão, latiu de alegria. Apesar do cansaço, Guilherme não resiste ao convite de Boris e começa a brincar com ele. Rolavam pela grama do quintal e corriam feito crianças de um lado para o outro. Com esta algazarra toda, surge na janela, sonolenta, Dona Elza, mãe de Guilherme.

– Guilherme Tavares Benati! Que bagunça é essa no meu jardim a esta hora da manhã? Você não cresce, mesmo, hein! Olha a sua roupa, está toda suja e babada. Vão tomar banho os dois, enquanto esquento o café!

– Oi, mãe! Foi culpa do Boris, eu estava quietinho! – brincou Guilherme com sua mãe, como se fosse apenas uma criança com seu cachorro.

Dona Elza entendeu a brincadeira do filho, sorriu e fez um sinal com a cabeça chamando-os para dentro. Boris correu para frente, como se pudesse ver.

– Senta, Boris! – ordenou Dona Elza. Boris abaixou-se e colocou a cabeça entre as patas dianteiras e não se moveu dali, obediente. Então, dona Elza repara no odor exalado pelo filho e pergunta: – Que cheiro é esse?

Guilherme dá um sorriso sem graça, pois por estar acostumado com os cheiros que adquire no trabalho, esquece-se de que podem incomodar outras pessoas. Ele foi direto tomar um banho para livrar-se daquele odor que estava incomodando sua mãe e retornou para a mesa que o esperava com seu desjejum. Mas antes de se ajeitar em sua cadeira, sua mãe fala:

– Filho, você vai acabar doente trabalhando deste jeito. Você está desde a noite de ontem trabalhando. Ninguém agüenta este ritmo. Descanse hoje – pediu dona Elza ao filho, que nem pensava em dormir. Ele só queria comer algo e voltar para a clínica.

– Mãe, a senhora já deveria saber, vida de médico é assim mesmo, as emergências surgem quando menos esperamos, seja dia ou noite. E além do mais, eu não poderia deixar de atender a Paloma. Eu a conheço desde que me conheço por gente. Lembra-se quando íamos com papai à fazenda do sr. Mataveira comprar mel e queijo? Enquanto vocês ficavam de conversa, eu ia cavalgar Paloma, acompanhado pelo seu Juca, o capataz. Paloma era muito querida – explicou Guilherme, já com a voz um pouco lenta por causa do sono que se aproximava e o abatia. Seus olhos estavam irritados pela vigília prolongada, que o fazia esfregá-los sem parar, enquanto bocejava várias vezes.

– Tudo bem! Você é quem sabe. Eu sou só sua mãe e você já está bem crescidinho para saber o que é melhor para você ou não. Coma ao menos, para não piorar sua saúde. Eu fiz bolo de fubá com queijo, de que você tanto gosta. Ah! Antes que eu me esqueça, a Cláudia ligou ontem, porque não o encontrou o dia todo e estava preocupada com o seu excesso de trabalho – disse Dona Elza ao filho, que mal prestava atenção às palavras, enquanto as pálpebras pesadas caíam, obrigando-o a dar longas piscadas e fazer um grande esforço para se manter acordado.

– Está bem, mãe. Já ligo para ela.

Dona Elza serviu-lhe o desjejum e foi cuidar dos seus afazeres domésticos. Guilherme morava com sua mãe e com Boris; seu Vitor havia morrido há dois anos de câncer no pulmão, pois era fumante inveterado. Dona Elza nem gostava de tocar em assuntos relativos às doenças, pois a faziam

lembrar-se de quanto seu Paulo sofreu, quando a doença se alastrou sem que os médicos pudessem fazer algo a respeito.

Guilherme serviu-se de uma grande xícara de leite com café muito açucarado e uma grande fatia de seu bolo preferido. Separou um pedaço de queijo fresco que Dona Elza mesmo fez e bebericou um pouco, cuidadosamente pois estava muito quente. Mais um gole, uma mordida no bolo de fubá e o sono se abate sobre Guilherme. Mastigava, lentamente, e, por fim, apoiando sua cabeça sobre seus braços, adormeceu sobre a mesa. Mal fechou os olhos, sentiu-se leve, como se flutuasse.

Estava sonhando. Subitamente, se vê em uma grande fazenda, muito arborizada, onde soprava uma brisa refrescante sobre sua face, fazendo movimentar sua cabeleira. A entrada daquela fazenda era enfeitada por flores de um colorido pouco comum, que pareciam ter sido plantadas com extremo cuidado por um paciente jardineiro. Elas coloriam o ambiente de uma forma tão harmoniosa que poderia ter sido feito por um artista plástico de muito bom gosto. Pareciam exóticas, pois eram de espécies que nunca tinham sido vistas antes por ele. A estrada que dava para a entrada da fazenda era muita bem trabalhada por tijolos amarelos e pedriscos que pareciam ter sido colocados um a um.

Olhando para cima, Guilherme se depara com um céu muito azul e límpido e admira-o, pois não se conhece um céu assim tão limpo e com atmosfera tão perfumada em lugar antes visitado pelo jovem doutor dos animais.

Os pássaros de plumagens tão diferentes eram muito amistosos e pousavam próximos ao médico, como se soubessem que ele não representava qualquer ameaça. Eram de todas as cores, e seus cantos pareciam música tocada por um experiente flautista. Na entrada, havia uma grande porteira, com uma inscrição acima, no ponto mais alto: “Rancho Alegre”.

– “Rancho Alegre!” Que lugar mais bonito! Parece um sonho! – exclamou o médico. Quem será o dono disso tudo? Deve ser alguém muito rico e deve ter muitos empregados para manter tudo tão organizado e limpo deste jeito. Não me lembro de ter estado aqui antes, mas sinto-me estranhamente familiarizado... parece que já conheço este lugar, mas não me lembro. Mas, de

qualquer modo, estou admirado com tanta beleza, sem falar do bem-estar que me invade. Gostaria de conhecer este lugar. Será que alguém virá me receber?

Mal acabou de pensar nisso, notou, ao longe, uma figura conhecida, que se aproximava. Estava mais jovem e mais disposto. Estava muito mais forte e corado do que quando o viu pela última vez. Mas, sem dúvida, era ele. A semelhança era muito grande para não ser. Era o pai do sr. Mataveira.

– Sr. Gustavo! – exclamou Guilherme, estranhando a presença deste que conhecia desde criança.

– Sim, Guilherme! Prazer em revê-lo bem e forte – disse o senhor, que o doutor reconheceu como sendo seu velho amigo.

– Mas, o senhor não morreu? Eu não fui ao seu enterro porque não me sinto bem em velórios, mas tenho certeza de que meus pais foram. O senhor morreu ou estou sonhando? – perguntou, admirado, à aparição.

– Morrer? Ninguém morre, Guilherme. A morte é apenas uma ilusão. É um período temporário entre dois estados evolutivos em que apenas nos desvencilhamos do envoltório que nos serviu enquanto vivíamos no mundo físico e deixa de ser útil quando acertamos nosso retorno ao nosso verdadeiro mundo, o espiritual. Aquele revestimento físico, que foi somente um instrumento, é deixado para traz e devolvido à natureza quando novamente nos reunirmos aqui nesta outra dimensão. – explicou Gustavo, com voz paternal.

– Então eu morri também? – perguntou, assustado com a possibilidade de ter desencarnado – devo ter cochilado enquanto estava tomando meu café da manhã e me afoguei no leite, ou bati com a cabeça na mesa, e nem notei que não estou mais vivo.

– Nada disso, Guilherme. Todas às vezes que dormimos, nosso corpo espiritual, juntamente com a nossa consciência, se torna livre do corpo físico pelo período que durar o sono. Estando libertos, agimos como se estivéssemos desencarnados sem estar. Podemos voltar ao corpo físico a qualquer momento. Com isso, iremos aonde quisermos, com a velocidade do pensamento, pois nos movemos através do pensamento quando estamos livres do denso corpo físico. Você ainda está ligado ao seu corpo físico através destes fios brilhantes, quase invisíveis, que saem do seu peito e da sua cabeça.

– Ah! É verdade. Posso perceber. Há mesmo um fio aqui. – falou Guilherme, que tentou tocá-lo, mas suas mãos atravessaram os fios, como se presenciasse uma ilusão óptica.

Tentou várias vezes tocar o cordão, sem sucesso, e desistiu. Então, olhou para o seu amigo e notou que nele não havia resquícios de cordão ou algo parecido.

– O senhor não tem cordão? Por quê? – perguntou Guilherme.

– Não, eu não preciso mais ter um, pois não estou mais encarnado. Meus laços com o mundo físico se romperam há anos. Os únicos contatos que faço com o mundo físico são apenas visitas ocasionais aos familiares, quando me sobra tempo.

– Mas se o senhor não vive mais entre nós, então não precisa se preocupar mais em sobreviver, nem tem que trabalhar para pagar contas e os salários dos empregados, não vai mais fazer negócios com gado e mel. Como pode não ter tempo para reencontrar a família e os amigos? – perguntou Guilherme, curioso.

– Com frequência, recebo visitas dos familiares, que vêm nos auxiliar em nosso rancho, e de amigos que nos procuram para uma prosa e também para trabalhar conosco, mas retornar ao mundo físico em visita social é muito raro, pois pode não parecer, mas há mais trabalho a fazer aqui do que quando eu era encarnado e trabalhava na fazenda.

– O senhor é o dono desta fazenda aqui também?

– Não, não. Sou apenas um dos trabalhadores. Esta fazenda é, na realidade, uma colônia espiritual, isto é, uma comunidade que cuida dos animais, auxiliando-os principalmente no seu aprendizado evolutivo. Há vários colaboradores de diversas áreas de especialização e várias equipes especializadas em assuntos relativos aos animais. Há os colaboradores das equipes de resgate, de cirurgiões, os responsáveis por animais selvagens, que incluem os animais marinhos e diversos outros. Aqui em nossa fazenda trabalham muitos que foram, quando encarnados, veterinários, que nos auxiliam, mas há muitos outros que se encontram ainda encarnados também. Dentre os diversos especialistas, há aqueles que exercem as mesmas especialidades que exercem na Terra, trabalhando aqui em funções

semelhantes. Há aqueles que não são especialistas, mas são grandes colaboradores e trabalhadores valorosos naquilo que fazem e que por isso merecem tanto respeito quanto os outros.

– Então, há muitos trabalhadores aqui que ainda vivem na Terra, assim como eu? Como podem trabalhar no mundo espiritual estando encarnados?

– Sim, há vários colaboradores encarnados, e quando dormem, assim como você está fazendo agora, se transportam mentalmente até aqui para exercer o que sabem e o que podem fazer para auxiliar os nossos irmãos animais em sua escala evolutiva. Ficam pelo tempo que acharem necessário ou que tiverem disponível, mas o melhor de tudo isso é o fato de que, quando estão auxiliando, ajudam a si próprios também a se elevar espiritualmente. Trabalhar na espiritualidade é um aprendizado constante, pois já dizia São Francisco de Assis: “É dando que se recebe”.

– O senhor falando assim parece o João, meu secretário, que chama os animais de irmãos.

– Você se refere ao doutor João Rubens? – perguntou Gustavo.

– Não, doutor não. O João Rubens mal fez o primário, está tentando terminar o primeiro grau fazendo escola supletiva por correspondência. Ele é semi-analfabeto. – explicou Guilherme, um tanto quanto constrangido com o suposto mal-entendido. – Este aí deve ser outro João Rubens! – completou Guilherme.

– Engano seu, amigo. Aqui ele é conhecido como doutor João Rubens, e ele é um dos diretores mais graduados de nossa comunidade. Em outras épocas, em reencarnações passadas, ele já ajudava em nossa instituição e, aliás, é um dos fundadores desta que foi formada há mais ou menos quinhentos anos por índios, negros africanos que eram escravos dos senhores de engenho, e alguns europeus, principalmente portugueses e ingleses. Depois disso, juntaram-se a nós vários japoneses, chineses, egípcios e muitos outros de diversas nacionalidades e em épocas diferentes. O doutor João Rubens, quando da época da fundação de nossa colônia de animais, era um índio muito respeitado em sua comunidade. Como líder, era uma pessoa extremamente justa e bondosa, mas sempre sentiu necessidade de reencarnar para resolver problemas cármicos e para ajudar naquela outra dimensão em que você vive

hoje. Retornou a nós novamente como escravo em diversas reencarnações. Em outras reencarnações, estudou medicina; em outras, foi engenheiro, físico, químico, biólogo. Foi um cientista brilhante, reconhecido por mérito entre a comunidade científica no século XX. Recebeu prêmios importantes como cientista. Hoje, é um humilde auxiliar, por opção, mas não o subestime. É uma mente notável – expôs Gustavo a Guilherme, que nem piscou, atento e boquiaberto.

– Quem diria, hein! O João Rubens. Eu nem poderia imaginar. Esse João Rubens sempre me surpreendendo – comentou Guilherme, com um misto de surpresa e constrangimento por tê-lo subestimado.

Notando que Guilherme ficou pouco à vontade com a notícia de ter um auxiliar tão graduado, Gustavo o convidou para conhecer o “Rancho Alegre”.

– Vamos entrando, vamos conhecer a casa! Nós o chamamos aqui para isso mesmo.

– Vocês me chamaram? Como assim? Eu pensei que tivesse chegado aqui por acaso.

– Depois que você e João Rubens conversaram sobre a vida espiritual dos animais, sentimos que você estava quase amadurecido para nos auxiliar. Se você quiser, é claro.

– Mas eu discordei de quase tudo o que o João me falou!

– Mesmo assim você está apto a auxiliar.

– O que devo fazer, então?

– Por enquanto, só conhecer a casa e depois a rotina dos trabalhos daqui. Posteriormente, você irá trabalhar conosco efetivamente, mas, por enquanto, ainda precisa preparar-se melhor para as tarefas que desenvolvemos aqui. Mas, venha, vamos entrando...

Ao se aproximarem da grande porteira, ela se abriu, automaticamente, tornando-se quase invisível para tornar-se novamente sólida, após a atravessarem. Guilherme admirou-se com o mecanismo de abertura daquela porteira enorme e exclamou:

– Ah! Por isso não notei as porteirosas se abrirem quando você saiu!

– Exatamente. Este portal somente se abre às pessoas cadastradas. Assim, são evitadas invasões e ataques de selvagens que querem agredir nossos irmãos que estão sob nossa responsabilidade.

– Selvagens?! – perguntou Guilherme.

– Sim, os selvagens são seres ignorantes, no sentido espiritual. Não são ignorantes intelectualmente, pois muitos deles são até mesmo doutores na Terra; no entanto, se comprazem em ferir e maltratar animais. Organizam caçadas e safáris no mundo físico para exterminar animais indefesos e, durante o sono, libertam-se de seus corpos físicos e tentam entrar clandestinamente em nossos limites, a fim de praticar este esporte detestável, que é a caça de animais com armas plasmadas mentalmente por eles. Os animais que estão aqui não podem ser aniquilados, pois já estão desencarnados, mas, mesmo assim, podem sofrer graves desequilíbrios que atrasariam seu retorno ao mundo físico, em função dos transtornos decorrentes. Essas pessoas são freqüentemente acompanhadas por seres horripilantes, que se assemelham a animais em aspecto, apesar de serem humanos vindos de regiões trevosas, agindo como guias de caça, indicando os lugares onde se encontram os animais e fornecendo armas e munições em troca de um pagamento que me arrepiava só de pensar.

– Pagamentos?

– Sim, como pagamento pelos serviços de guia, eles entregam suas energias vitais a eles, que os sugam enquanto estão em atividade na Terra durante a vigília.

– Nossa! Que terrível. E se conseguirem entrar, como se defendem?

– Temos uma equipe de segurança a postos, ininter-ruptamente, munida de armas elétricas que produzem descargas dolorosas que fazem os encarnados desdobrados despertarem na Terra com horríveis dores de cabeça. Os desencarnados atingidos pelos raios, geralmente desmaiam e são levados de volta ao seu lugar nas profundezas. Enquanto os encarnados se preocupam com a cefaléia, esquecem nossos animais e os seus parasitas espirituais também não os alcançam, pois, os raios possuem uma característica que é a de modificar seus padrões vibratórios. Quando os mudam, tornam-se “indigestos” aos parasitas que procuram se afastar, ao

menos, temporariamente. Na verdade, a descarga elétrica que recebem se assemelha, em termos de frequências ao passe magnético, ou à hóstia, ou, ainda, quando vão à igreja evangélica, às energias da imposição das mãos. Quando os selvagens se sobrecarregam destas energias positivas, que são contrárias às energias que carregam consigo, normalmente, sentem forte mal-estar e acordam.

– Deve ser uma guerra, não é mesmo?

– Sim, é terrível; mas, vamos entrando – convidou Gustavo, novamente.

Caminharam por uma estrada rodeada de extensos jardins floridos e de onde podiam ver diversas estradas que ligavam muitos prédios. Eram dezenas de prédios em todas as direções. Continuaram a caminhar por alguns metros. Então, Guilherme olhou para a frente e percebeu uma nuvem de poeira que se formava e se movia à grande velocidade em direção aos dois. Gustavo não parecia surpreso, mas Guilherme ficou curioso.

– O que será aquilo? – perguntou Guilherme ao seu amigo Gustavo.

– Não reconhece? Olhe melhor.

– Parece um cavalo, e veja que cavalo esperto e ágil. Faz movimentos muito rápidos como nunca presenciei algum animal destes fazendo. Galopa tão velozmente que mal consigo acompanhar seus movimentos. Ele parece flutuar no ar. Isso é incrível! – observou Guilherme, admirado com tamanha agilidade em um animal tão pesado.

– Repare melhor e verá que é a nossa Paloma.

– Paloma?! Mas ela estava agora mesmo morrendo, por estar totalmente enfraquecida. Como pode? Ela parece tão jovem e saudável!

– Lembra-se do que lhe disse sobre o corpo físico? – perguntou Gustavo.

– Pois então, o corpo de Paloma já estava gasto pelo tempo, mas seu espírito permanece jovem. A aparência dela agora é reflexo de como se sente neste momento e era assim que também estava, mesmo quando sua máquina física falhou. O corpo envelhece, mas o espírito não. Assim que a libertamos de seu corpo físico, ela saltou para nossa dimensão como uma borboleta sai de sua crisálida, já dando galopes e saltos, como se nada houvesse acontecido. De fato, nem houve necessidade de sedá-la para proceder à soltura dos liames

que a prendiam ao seu velho corpo esgotado. É espantoso como praticamente não se ressentem dos males sofridos no físico ao retornarem.

Enquanto Gustavo falava, Paloma vinha se aproximando dos dois. A poucos metros, diminuiu seu ritmo e aproximou-se trotando, para demonstrar como estava bem. E, mesmo quando estava a longa distância, já havia reconhecido Guilherme. Aproximou-se ainda mais e devagar para tocar-lhe a face com seu grande e quente focinho, como quem diz: “Eu sabia que você viria. Bem-vindo, amigo, à minha nova casa”. Em seguida, ofereceu um olhar meigo a ambos e afastou-se dali, a galope, até sumir de vista.

Guilherme não tinha certeza, mas parecia-lhe que ouviu as palavras de Paloma ecoarem dentro de seu cérebro. Tentou disfarçar, para não parecer tolo, e se recompôs antes de perguntar:

– O que acontece com Paloma agora? Viverá aqui para sempre? Aqui seria como o paraíso dos cavalos?

– Aqui não é o paraíso, mas é um ótimo lugar, onde os animais são bem tratados até se recuperarem e estar em condições de retornar ao mundo físico e continuar seu aprendizado. Aqui se encontram não somente cavalos, mas todas as espécies de animais que conhecemos na Terra, dos quais cuidamos até sua recuperação. Aqui nós os preparamos para um novo retorno à vida física. Mas, como pode perceber, não é exatamente um paraíso, mas tão-somente uma colônia espiritual. Este lugar é apenas um posto intermediário. Há muitos outros em outras localidades que cuidam de assuntos ligados a animais mais evoluídos que os que conhecemos, cuja tecnologia é desconhecida de nós. É necessário muito tempo de estudo e trabalho para sermos levados a pontos mais avançados de trabalho que estão, digo, com certeza, a muitos anos-luz de nossa capacidade. Nosso trabalho aqui é bem elementar, se comparado com o que desenvolvem por lá, mas não nos preocupamos com isso ainda.

Gustavo ia prosseguindo com o diálogo quando, subitamente, notou que Guilherme estremeceu, como se fosse tomado por um grande susto, para, a seguir, seus cordões prata serem avolumados e aumentada sua consistência. Seus músculos se retesaram e suas pupilas se dilataram. O cordão que o ligava ao corpo físico aumentou de diâmetro e parecia se contrair. Estava como

tomado por uma dor repentina que o impedia de continuar o diálogo. Então, Guilherme, como se desmaterializasse diante de Gustavo, desapareceu sem ter tempo de se despedir de seu velho amigo. Guilherme retornou subitamente ao corpo físico, pois sua mãe o estava acordando.

– Acorde, Guilherme! Acorde! Não durma sobre a mesa, você vai ficar com a coluna toda dolorida. Tome seu leite e deite-se em sua cama. Já está arrumada, à sua espera.

Guilherme ainda sonolento e sem recuperar totalmente sua consciência, acordou, falando de modo desconexo.

– O que foi? O que aconteceu? Sr. Gustavo? – perguntava Guilherme atormentado pelo retorno inesperado e repentino à sua mãe.

– Que Gustavo, que nada. Você está sonhando. Vá deitar-se em sua cama – pegando o filho pelo braço, carregou-o como a uma criança, ajudando-o a encontrar o quarto e sua cama.

– Mãe! Eu vi o Seu Gustavo no sonho e a Paloma também estava lá. Que sonho mais esquisito! Sonhei que ela falou comigo. Quanto tempo eu dormi?

– Ah! Não chegou a um minuto, mas ali não é lugar de dormir. Lugar de dormir é na cama – falou a mãe, com certa autoridade.

Ajudando-o a deitar-se, acomodou o rapaz e o cobriu, saindo devagarzinho, sem dizer mais nada, pois notou que seu filho novamente tinha pegado no sono. Em silêncio, afastou-se e fechou a porta atrás de si com todo cuidado. O cansaço físico após o trabalho extenuante com Paloma o havia esgotado. Por isso, dormiu sem notar que já estava em sua cama, para onde caminhou quase automaticamente sem saber como chegou ali.